

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

SAISON TEMPORADA
FRANCE PORTUGAL
PORTUGAL FRANÇA
2022



OS IRMÃOS KARAMÁZOV

Uma leitura de *Os Irmãos Karamázov*

JEAN GENET*

As obras-primas artísticas ou poéticas são a mais elevada forma do espírito humano, a sua expressão mais convincente: eis um lugar-comum que devemos reter sob o título de verdade eterna. Quer sejam a mais elevada forma do espírito humano, ou a forma mais elevada dada ao espírito humano, ou a mais elevada forma assumida, de modo paciente ou apressado, por um golpe de sorte, trata-se em todo o caso – ousadamente, se quisermos – de uma forma, e esta forma está longe de ser o limite a que se pode aventurar um homem.

Passemos a Dostoiévski ou, melhor dizendo, aos *Irmãos Karamázov*, obra-prima do romance, grande livro, audaciosa instigação das almas, desmesura e desmesuras. Este modo de o considerar é também o meu, ao qual se junta uma vontade de rir perante a falsa e muito real impostura que o destino deste livro constitui. Dostoiévski logra por fim o que deveria torná-lo soberano: uma farsa, uma bufonaria ao mesmo tempo enorme e mesquinha, já que é exercida sobre tudo o que fazia dele um romancista possesso, é exercida contra si próprio, e por meios astuciosos e infantis que ele utiliza com a obstinada má-fé de São Paulo.

É bem possível que Dostoiévski, se de facto entreteve durante mais de trinta anos a ideia deste romance, tenha pretendido escrevê-lo seriamente, ou seja, tal como escreveu *Crime e Castigo* ou *O Idiota*; a meio da escrita, porém, terá sorrido, talvez a propósito de um dos seus procedimentos, e sorrido depois o Dostoiévski romancista, acabando finalmente por se deixar levar pelo júbilo. Pregou a si mesmo uma bela partida.

Pouco familiarizado com os métodos das composições romanescas, ainda não sei se um escritor começa um livro pelo princípio ou pelo fim. No caso de *Os Irmãos Karamázov*, é-me impossível discernir se Dostoiévski terá começado pela visita da família Karamázov ao *starets* [mestre espiritual de um mosteiro ortodoxo russo] Zóssima, mas a partir desse momento, embora tivesse de esperar pela morte e pelo fedor do *starets*, fiquei logo com a pulga atrás da orelha.

Toda a gente espera um milagre: ocorre o contrário – o cadáver, em vez de permanecer incorrupto, o que seria o mínimo, o cadáver fede. Então, com uma espécie de encarniçamento delicioso, Dostoiévski tudo fará para nos desconcertar; temos a expectativa de que Grúchenka seja uma cabra: em casa de Kátia Ivánovna, Aliocha vê antes de mais uma bela rapariga, *aparentemente* muito boa e muito generosa, e no seu arrebatamento, gratidão e ternura, Katerina Ivánovna beija-lhe a mão. Por seu turno, Grúchenka, agitada, leva aos lábios a mão de Katerina Ivánovna, mas desata a rir e insulta a sua rival. Humilhada, Katerina expulsa Grúchenka.

Quando Aliocha regressa ao mosteiro, o cadáver do *starets* cheira cada vez pior; tornara-se necessário abrir as janelas. Aliocha sai.

Durante a noite lança-se ao chão, beija a terra. Nesse momento chega a crer ter experimentado uma visitação, e termina, com o seu hábito de monge, nos aposentos de Grúchenka.

O que permite a Aliocha manter-se puro, sabemos-lo, é a capacidade de sorrir em todas essas ocasiões em que outros, no seu lugar, se deixariam perturbar: ainda monge, ao receber a missiva em que Lise se lhe declara, Aliocha sorri e aceita com toda a seriedade tornar-se seu marido. Mais tarde, quando o jovem Kolia lhe diz: “Em suma, Karamázov, você e eu estamos apaixonados um pelo outro”, Aliocha cora ligeiramente, sorri e aprova. Aliocha sorri, tem vinte anos. Semelhante divertimento, aos sessenta anos, faz sorrir Dostoiévski: este ou aquele gesto podem ser interpretados como quisermos. O Procurador, no tribunal, explica os motivos de Dmitri Karamázov, e o advogado, igualmente sagaz, atribui-lhes um sentido inverso.

Todo e qualquer ato tem, pois, um significado e o significado oposto. Pela primeira vez, creio, a explicação psicológica é destruída por uma outra (contrária) explicação psicológica. Os atos ou as intenções que por hábito – nos livros e mesmo na vida quotidiana – consideramos nefastos conduzem a essa salvação, ao passo que os atos e intenções encantadores provocam a catástrofe. Kolia domestica um cão que o pequeno Iliucha julga ter envenenado ou matado com um alfinete. Entretanto atingido pela doença, Iliucha anseia pelo regresso de Kolia, que por fim o visita, trazendo consigo o cão: a alegria de Iliucha é tão intensa que acaba por matá-lo.

Com a sua atitude de diletante seguro de si, Ivan Karamázov leva Dmitri a proferir palavras, e até a cometer atos, contra o pai, que o conduzirão à Sibéria.

No início do julgamento, Ivánovna fala com afeição de Dmitri; quinze minutos depois, lê ao tribunal uma carta dele: Dmitri está condenado.

Dostoiévski revela uma forte antipatia pelo socialismo, e até mesmo pela psicologia. Contra o socialismo é feroz (vejam-se as cenas em que Kolia, pelo seu comportamento, ridiculariza o socialismo), mas, uma vez mais, o grão tem de morrer para dar fruto: é graças a uma revolução socialista que hoje milhões de russos podem ler Dostoiévski.

No que toca à psicologia, desembaraça-se bem: em vez de nos dar apenas uma explicação séria das motivações das personagens, como nos seus outros romances, dá-nos também a explicação inversa: consequentemente, na leitura, tudo, personagens, acontecimentos, tudo é uma coisa e o seu contrário, e não restam senão fanicos. A alegria começa. A nossa e a do romancista. Após cada capítulo, ficamos convencidos: já nada resta de verdadeiro. É, pois, um novo Dostoiévski que emerge: ele graceja. Diverte-se a dar uma expli-



cação *positiva* dos acontecimentos, e depois, apercebendo-se sem dúvida de que essa explicação *no romance* é verdadeira, propõe a explicação contrária.

Humor magistral. Jogo. Mas arriscado, já que destrói a *dignidade* da narrativa. É o contrário de Flaubert, que apresenta apenas *uma* explicação, e o contrário de Proust, que multiplica as explicações, que supõe um grande número de motivos ou de interpretações, mas jamais demonstra como admissível a explicação contrária.

Terei lido mal *Os Irmãos Karamázov*? Li-o como se de uma *blague* se tratasse. Dostoiévski destrói o que até então considerávamos uma obra de arte com assertividade, dignamente.

Parece-me, após a leitura, que qualquer romance, poema, quadro ou música que não se destrua, quer dizer, que não se construa como um jogo de massacre que o inclua entre as suas vítimas, é uma impostura.

Ultimamente tem-se falado muito do riso dos deuses. A obra de arte construída sobre afirmações únicas, jamais contraditas, é uma impostura que esconde algo mais importante. Franz Hals deve ter rido bastante com *Os Regentes e As Regentes*. Rembrandt terá feito o mesmo ao pintar a manga de *A Noiva Judia*. E Mozart ao compor a sua *Missa de Requiem* e até *Don Giovanni*. Tudo lhes era permitido. Eram livres. E Shakespeare com *O Rei Lear*. Depois de terem tido talento e génio, conhecem algo de mais raro: sabem rir do seu génio. E Smerdiakov?

Porque eles são quatro, os três filhos de Karamázov. O meigo, o cristão Aliocha não tem uma palavra, não faz um gesto a indicar que esse laço é seu irmão.

Gostaria de falar de Smerdiakov.

* In *L'Ennemi déclaré*, Gallimard, agosto de 1991 (texto escrito numa data indeterminada entre 1975 e 1980, enviado à Gallimard em 1981 e publicado na *Nouvelle Revue Française* em outubro de 1986).

A data de redação deste texto continua a ser difícil de fixar com precisão. Foi escrito no seguimento de uma leitura do romance de Dostoiévski, aquando de uma estadia na Apúlia, por volta de 1975. Essa leitura é referida pelo autor na sua entrevista com Hubert Fichte: “Posso dizer-lhe que precisei de dois meses para ler *Os Irmãos Karamázov*. Li-o deitado. Estava na Itália, lia uma página e depois... tinha de refletir durante duas horas, e depois recomençar, é enorme e é extenuante.”

Só em 1981 Genet confiou estas páginas manuscritas a Laurent Boyer, da Gallimard, “para que Georges Lambrichs as publique na *Nouvelle Revue Française*”. Depois, ao ler o texto datilografado, mudou de ideias, dizendo que se tratava de uma brincadeira... Contudo, vários anos mais tarde, na época em que escrevia *Un captif amoureux*, veio buscar a cópia do seu artigo, que pretendia fazer publicar ao mesmo tempo que esse livro. Não introduziu no texto qualquer correção.

Indubitavelmente, há que considerar o texto, antes de mais, como uma homenagem a Dostoiévski. Citado, sem muitas explicações, em diversas entrevistas, o romancista russo surge de facto como a principal referência literária de Genet – tal como Giacometti o é para a escultura, Rembrandt para a pintura e Mozart, talvez, para a música.

Mas se este texto propõe seguramente uma leitura precisa e original de *Os Irmãos Karamázov*, abre também uma perspetiva mais ampla: esboça uma verdadeira teoria do romance e – se atendermos às referências finais à música, à pintura e ao teatro – da obra de arte em geral. Neste sentido, podemos ler nas entrelinhas destas breves páginas que o autor manteve em reserva uma espécie de “arte poética” que marca as suas últimas obras.

Trad. Rui Pires Cabral.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA ALEXANDRA NOVO, INÊS SOUSA DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA DIREÇÃO DE CENA PEDRO GUIMARÃES, CÁTIA ESTEVES LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, MARCELO RIBEIRO, NUNO GONÇALVES MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA SOM ANTONIO BICA, JOEL AZEVEDO, LEANDRO LEITÃO VÍDEO FERNANDO COSTA

APOIOS TNSJ

Castanheira pedras&péssigos

APOIOS À DIVULGAÇÃO

COMBOIOS DE PORTUGAL 

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

FOTOGRAFIA SIMON GOSSELIN
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

TEATRO SÃO JOÃO
29+30 ABRIL 2022
SEX+SÁB 19:00

OS IRMÃOS KARAMÁZOV

A PARTIR DE FIÓDOR DOSTOIEVSKI
ADAPTAÇÃO E DIREÇÃO SYLVAIN CREUZEVAULT

TRADUÇÃO FRANCESA
ANDRÉ MARKOWICZ

DRAMATURGIA
JULIEN ALLAVENA

CENOGRAFIA
JEAN-BAPTISTE BELLON

FIGURINOS
GWENDOLINE BOUGET

DESENHO DE LUZ
VYARA STEFANOVA

DESENHO DE SOM
E DIREÇÃO TÉCNICA
MICHAËL SCHALLER

MÚSICA ORIGINAL
SYLVAIN HÉLARY
ANTONIN RAYON

VÍDEO
VALENTIN DABBADIE

MAQUILHAGEM E CABELOS
MITYL BRIMEUR

MÁSCARAS
LOÏC NÉBRÉDA

ADMINISTRAÇÃO
ANNE-LISE ROUSTAN

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
E DIGRESSÃO
ÉLODIE RÉGIBIER

INTERPRETAÇÃO
NICOLAS BOUCHAUD, SYLVAIN
CREUZEVAULT, SERVANE DUCORPS,
VLADISLAV GALARD, ARTHUR IGUAL,
SAVA LOLOV, FRÉDÉRIC NOAILLE,
BLANCHE RIPOCHE,
SYLVAIN SOUNIER
E OS MÚSICOS SYLVAIN HÉLARY,
ANTONIN RAYON

PRODUÇÃO
LE SINGE (FRANÇA)

COPRODUÇÃO
ODÉON-THÉÂTRE DE L'EUROPE,
FESTIVAL D'AUTOMNE À PARIS,
THÉÂTRE NATIONAL DE STRASBOURG,
L'EMPREINTE – SCÈNE NATIONALE
BRIVE-TULLE, THÉÂTRE DES TREIZE
VENTS – CENTRE DRAMATIQUE
NATIONAL DE MONTPELLIER,
L'UNION – CENTRE DRAMATIQUE
NATIONAL DU LIMOUSIN, LA
COURSIVE – SCÈNE NATIONALE
DE LA ROCHELLE, BONLIEU SCÈNE
NATIONALE – ANNECY

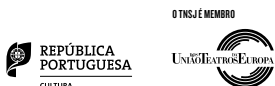
COM O APOIO DE
L'OARA (OFFICE ARTISTIQUE DE LA
RÉGION NOUVELLE-AQUITAINE)

ESTRUTURA FINANCIADA PELO
MINISTÈRE DE LA CULTURE / DRAC
NOUVELLE-AQUITAINE

ESTREIA
22 OUT 2021
ODÉON-THÉÂTRE DE L'EUROPE (FRANÇA)

DUR. APROX.
3:45 COM INTERVALO
M/16 ANOS

ESPETÁCULO EM LÍNGUA FRANCESA,
LEGENDADO EM PORTUGUÊS.



EVENTO ORGANIZADO NO ÂMBITO DA TEMPORADA PORTUGAL-FRANÇA 2022



COMITÉ DE MECENAS DA TEMPORADA PORTUGAL-FRANÇA 2022

